

Caderno de Provas

CCS 40 – NS

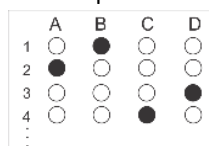
PROFESSOR DE HISTÓRIA

Edital Nº. 001/2023 –
Prefeitura / Câmaras Municipais do Seridó/RN

Data: ____/____/____

INSTRUÇÕES GERAIS PARA A REALIZAÇÃO DA PROVA

- Use apenas caneta esferográfica transparente de tinta azul ou preta.
- Escreva a data, a sua assinatura e o seu número de inscrição no espaço indicado nesta capa.
- A prova terá duração máxima de 3 (três) horas, incluindo o tempo para responder a todas as questões do **Caderno de Provas** e preencher a **Folha de Respostas**.
- Antes de retirar-se definitivamente da sala de provas, entregue a **Folha de Respostas** ao fiscal.
- Ao retirar-se definitivamente da sala de provas, antes de decorridas três horas do início das provas, deverá entregar também o **Caderno de Provas** ao fiscal.
- Este **Caderno de Provas** contém, respectivamente, 10 (dez) questões de Língua Portuguesa, 5 (cinco) questões de Didática e 15 (quinze) questões de Conhecimentos específicos.
- Se o **Caderno de Provas** contiver alguma imperfeição gráfica que impeça a leitura, comunique isso imediatamente ao Fiscal, para que seja efetuada de imediato a troca do Caderno.
- Cada questão de múltipla escolha apresenta apenas **uma** resposta correta. Para a marcação da alternativa escolhida na **Folha de Respostas**, pinte completamente o campo correspondente conforme a figura a seguir:



- Os rascunhos e as marcações feitas neste **Caderno de Provas** não serão considerados para efeito de avaliação.
- Interpretar as questões faz parte da avaliação; portanto, não é permitido solicitar esclarecimentos aos Fiscais.
- O preenchimento da **Folha de Respostas** é de sua inteira responsabilidade.
- A quantidade de questões objetivas e respectivas pontuações desta prova estão apresentadas a seguir:

<i>Disciplina</i>	<i>Número de questões</i>	<i>Pontos</i>
Língua Portuguesa	10 questões	30 pontos
Didática	05 questões	10 pontos
Conhecimentos específicos	15 questões	60 pontos
TOTAL DA PROVA	30 questões	100 pontos

ASSINATURA DO CANDIDATO:

NÚMERO DE INSCRIÇÃO:

QUESTÕES DE MÚLTIPLA ESCOLHA – LÍNGUA PORTUGUESA

As questões de 1 a 10 referem-se ao texto reproduzido a seguir.

O futuro do trabalho ou o trabalho sem futuro?

Marcelo Augusto Vieira Graglia

Billy Turnbull era um rapaz astuto, nos seus recém-completados 14 anos de vida. Naquela manhã fria de maio de 1831, caminhava pela rua principal de Bedlington em direção à mina que ficava no lado oeste da cidade, próxima à estrada que levava ao norte. Por entre a névoa, Billy já distinguia as pedras da igreja de São Authbert. Cerca de 400 metros abaixo, virou à esquerda, após a casa de Walter Daglass. Três portas acima, havia um arco que levava a um pátio com seis residências e um pomar. As casas eram decrépitas, para dizer o mínimo. O campo de batatas ficava do outro lado da parede dos fundos, seguia por ali para cortar caminho.

Naquela manhã fria, quando Billy Turnbull finalmente chegou à entrada da mina, a querela já estava armada. Dezenas de homens, vestidos em seus farrapos e com seus rostos tingidos pelo pó preto do carvão, se aglomeravam em torno da máquina a vapor recém-adquirida pelo Sr. Stephens. Com suas pás e picaretas, amotinados, golpeavam o equipamento que respondia emitindo longos chiados. Em pouco tempo, a máquina parecia morta, imóvel e silenciosa. Assustado, Billy viu Brian Llewellyn saindo do meio dos mineiros e vindo em sua direção. Quando o amigo se aproximou, perguntou: O que está havendo, Brian? Ao que este respondeu: Não sou Brian, meu nome é Ned Ludd.

A história acima foi construída a partir de personagens fictícios, mas baseada em fatos históricos. Ned Ludd era a alcunha utilizada por muitos dos trabalhadores envolvidos em protestos e sabotagens. O ludismo foi um movimento de trabalhadores iniciado na Inglaterra, no início do século 19, que utilizou a destruição de máquinas como forma de pressionar os empregadores contra as condições precárias e contra a mecanização que causava demissões e substituição de funções mais qualificadas por outras de pouca exigência técnica e mais mal remuneradas.

No campo do trabalho humano, é histórico o temor pelos efeitos potencialmente destruidores da tecnologia sobre os postos de trabalho, simbolicamente representado pelo movimento ludista. Nesta segunda década do século 21, novamente a emergência de uma nova onda de inovação tecnológica reacende a polêmica com visões diametralmente opostas: de um lado, a daqueles que vislumbram um futuro brilhante, no qual a tecnologia libertaria a humanidade da obrigação do trabalho duro, repetitivo, desestimulante, ao mesmo tempo que elimina doenças, promove a longevidade, o conforto e o deleite com novas possibilidades lúdicas e sensoriais trazidas por artefatos tecnológicos e ambientes digitais; de outro, em posição antagônica, há aqueles que temem as consequências potencialmente nefastas da proliferação da tecnologia de forma intensa por tantos campos sensíveis. Soma-se ainda o risco da desumanização das relações e da interferência voraz de sistemas de inteligência artificial (IA) em campos eminentemente humanos, num cenário de pós-humanismo cibernético.

O que alimenta esses temores? Embora a automação tenha sido historicamente confinada a tarefas rotineiras envolvendo atividades baseadas em regras explícitas, a IA está entrando rapidamente em domínios dependentes de reconhecimento de padrões e pode substituir os humanos em uma ampla gama de tarefas cognitivas não rotineiras, seja em relação ao trabalho industrial, de serviço ou de conhecimento. Nessa transformação, há aspectos claramente positivos e outros que inspiram maior reflexão.

Parafraseando a célebre frase narrada por Tucídides, na colossal obra *História da Guerra do Peloponeso*, quando a delegação da cidade de Corinto se empenhava em convencer os relutantes espartanos a abandonar seu temor em declarar guerra a Atenas: não devemos temer a tecnologia (Atenas), o que devemos temer são a nossa ignorância, a nossa indiferença e a nossa inércia. A ignorância, no sentido de não entendermos ou não buscarmos entender o processo histórico que ora se movimenta; a indiferença, no sentido de não nos sensibilizarmos com os efeitos deletérios possíveis, especialmente sobre grandes parcelas menos protegidas ou desfavorecidas da nossa sociedade, de ignorarmos os riscos; ademais, a inércia, traduzida pelo não agir, enquanto indivíduos, sociedade e governos não se preparam devidamente, não estabelecem estratégias adequadas, não constroem seus diques, seus programas, projetos e políticas públicas robustas e suficientes para enfrentar um mundo em transformação.

John Maynard Keynes, em *Economic possibilities for our grandchildren* (1930), argumentava que o aumento da eficiência técnica havia ocorrido de forma mais rápida do que seria possível para lidar com o problema da absorção da força de trabalho. A depressão mundial – consumada com a quebra da Bolsa de Nova York em 1929 e a enorme anomalia do desemprego que se estabeleceu – impedia a clareza de visão necessária para que muitos pudessem captar as tendências que se afiguravam, como a do desemprego estrutural. Para Keynes, isso significava “desemprego devido à nossa descoberta de meios de economizar o uso do trabalho ultrapassando o ritmo em que podemos encontrar novos usos para o trabalho”. O economista previa que, mantidas as taxas de crescimento da produtividade geradas pela incorporação de tecnologias nos processos produtivos, e outras condições, em 100 anos o problema econômico mundial da escassez poderia ser resolvido. Em contrapartida, esse ganho de produtividade se daria, principalmente, pela substituição do trabalho humano; portanto, não seria necessário, no futuro, um contingente tão grande de pessoas trabalhando. Dessa forma, o principal problema econômico seria de distribuição de riqueza, não mais de escassez.

A nova onda de inovação tecnológica tem características que a diferem das anteriores, como as da eletricidade, do automóvel, do computador, da internet. Entre elas, a ruptura do padrão de crescimento dos empregos concomitante ao crescimento econômico. Isso nos leva a três questões distintas. Em primeiro lugar, a questão da distribuição de renda enquanto processo a ser revisto e adequado aos novos tempos; em segundo, a questão da transição segura de uma sociedade economicamente baseada na renda do trabalho e emprego para outra em que não haja para muitos; e, por último, mas não menos importante e desafiador, a construção e a viabilização de alternativas para a falta do trabalho enquanto fonte de significado e propósito subjetivos de vida.

A chegada dos chamados modelos de IA do tipo LLM – *Large Language Models* –, treinados a partir de algoritmos de aprendizagem profunda, com uso de quantidades colossais de dados, permitiu o desenvolvimento de produtos surpreendentes, como o ChatGPT, o Bard e o Midjourney. Esses produtos furaram a bolha técnica onde essa tecnologia vinha sendo desenvolvida, ao possibilitar que milhões de pessoas e organizações pudessem utilizar seus recursos nas mais diferentes aplicações. Ao mesmo tempo, trouxeram a concretude das possibilidades de substituição de inúmeras tarefas e funções humanas, reacendendo antigos temores.

Neste momento, há enormes diferenças entre as pesquisas e as projeções sobre o impacto dessas tecnologias. Há argumentos frágeis, e mesmo outros desonestos, tentando desqualificar as preocupações com o risco da eliminação de muitos postos de trabalho. Alguns destes apelam para uma aritmética primitiva e descabida, de que novos empregos e profissões surgirão e compensarão aqueles perdidos. Há dois equívocos nesta lógica: a de que o futuro sempre repete o passado e a de que se trata de uma conta de subtração. A realidade põe por terra esses argumentos: por um lado, milhões de pessoas desempregadas ou subempregadas, por outro, milhares de vagas não preenchidas pelas empresas por conta da sofisticação das competências exigidas. Isto sem falar do fenômeno da precarização do trabalho, bem representado pelos modelos de plataformas digitais. O pensamento de risco sugere que deveríamos considerar um cenário de intensa substituição de postos de trabalho por sistemas, robôs e máquinas e de crescimento da oferta de postos de trabalho precarizados. Não há mal algum, nessas circunstâncias, em nos prepararmos para isto. A história nos mostra o quanto é mais sábio prevenir do que remediar. E, preparados para o adverso, sabendo que a imagem do futuro não está ainda formada, poderemos esperar pela serendipidade.

Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/>>. Acesso em: 03 nov. 2023.

01. Em sua totalidade, o texto tematiza

- A) os impactos das inovações tecnológicas para o mercado de trabalho.
- B) as semelhanças entre as inovações tecnológicas do passado e as do presente.
- C) as reações da classe trabalhadora no enfrentamento das inovações tecnológicas.
- D) os aspectos negativos da inteligência artificial na vida dos trabalhadores brasileiros.

02. De acordo com o texto,

- A) é sensato que as sociedades antecipem-se com soluções para futuras consequências do avanço da tecnologia sobre o mercado de trabalho.
- B) é correto estabelecer comparação de igualdade entre os efeitos de inovações tecnológicas do passado e os efeitos das que estão ocorrendo neste século.
- C) os argumentos daqueles que consideram ilegítimas as preocupações em relação à eliminação de postos de trabalho são coerentes com a realidade.
- D) o temor em relação aos efeitos nocivos das inovações tecnológicas sobre o mercado de trabalho é uma característica da segunda década do século atual.

03. Sobre as sequências textuais presentes nos parágrafos 1 e 2, é correto afirmar:

- A) No primeiro parágrafo, há predominância da sequência descritiva, resultante do uso verbos no pretérito perfeito; mesmo havendo apenas um verbo no pretérito imperfeito, este, no interior do parágrafo, estabelece relação de anterioridade e posterioridade.
- B) No primeiro parágrafo, há predominância da sequência descritiva, resultante do uso de verbos no pretérito imperfeito; mesmo havendo apenas um verbo no pretérito perfeito, este, no interior do parágrafo, não estabelece relação de anterioridade e posterioridade.
- C) No segundo parágrafo, há predominância da sequência narrativa, resultante de verbos no pretérito perfeito; mesmo havendo verbos no pretérito imperfeito, estes, no interior do parágrafo, também estabelecem relação de anterioridade e posterioridade.
- D) No segundo parágrafo, há predominância da sequência narrativa, resultante de verbos no pretérito imperfeito; mesmo havendo verbos no pretérito perfeito, estes, no interior do parágrafo, não estabelecem relação de anterioridade e posterioridade.

04. No último período do último parágrafo, o uso da palavra **serendipidade** remete

- A) a uma perspectiva positiva, resultante de uma atitude preventiva para enfrentar as adversidades trazidas pelas inovações tecnológicas.
- B) a uma perspectiva negativa, resultante da constatação de que aderir às inovações tecnológicas é algo inevitável em um mundo em constante transformação.
- C) a um estado de conformismo, resultante de uma atitude de não enfrentamento das adversidades oriundas das inovações tecnológicas.
- D) a um estado de indiferença, resultante da constatação da incapacidade de se pensar, antecipadamente, estratégias para mitigar os efeitos nocivos das inovações tecnológicas.

05. No quinto parágrafo, a resposta ao questionamento feito resulta em um período cujas informações estão conectadas, respectivamente, por relações semânticas de

- A) concessão, adição e alternância.
- B) condição, oposição e explicação.
- C) conformidade, adição e explicação.
- D) causalidade, oposição e alternância.

06. Sobre a organização do sexto parágrafo, é correto afirmar que a ideia central está

- A) explícita no primeiro período, em que o autor estabelece uma sequência de informações, cuja ordem é invertida ao longo do desenvolvimento do parágrafo.
- B) explícita no primeiro período, em que o autor estabelece uma sequência de informações, cuja ordem é mantida ao longo do desenvolvimento do parágrafo.
- C) implícita e o autor estabelece uma sequência de informações, cuja ordem é invertida ao longo do desenvolvimento do parágrafo.
- D) implícita e o autor estabelece uma sequência de informações, cuja ordem é mantida ao longo do desenvolvimento do parágrafo.

07. No sétimo parágrafo, entrecruzam-se

- A) duas vezes, a do autor e outra, que se apresenta sob forma indireta, na primeira e na terceira ocorrências, e sob forma direta, na segunda ocorrência.
- B) duas vezes, a do autor e outra, que se apresenta sob forma indireta, na primeira e na terceira ocorrências, e sob forma híbrida, na segunda ocorrência.
- C) quatro vezes, a do autor e outras três, que se apresentam, respectivamente, sob forma indireta, direta e indireta.
- D) quatro vezes, a do autor e outras três, que se apresentam, respectivamente, sob forma indireta, híbrida e direta.

08. Analise o período a seguir.

O ludismo foi um movimento de trabalhadores iniciado na Inglaterra, no início do século 19, **que** utilizou a destruição de máquinas como forma de pressionar os empregadores contra as condições precárias e contra a mecanização **que** causava demissões e substituição de funções mais qualificadas por outras de pouca exigência técnica e mais mal remuneradas.

A palavra “que” introduz oração

- A) adjetiva, nas duas ocorrências, e exerce função de sujeito.
- B) adjetiva, nas duas ocorrências, e exerce função de objeto direto.
- C) substantiva, na primeira ocorrência, e adjetiva, na segunda ocorrência, com função de sujeito.
- D) substantiva, na segunda ocorrência, e adjetiva, na primeira ocorrência, com função de objeto direto.

09. Analise o período a seguir.

Nessa transformação, há aspectos claramente positivos e outros que inspiram maior reflexão.

Sobre o verbo da primeira oração, é correto afirmar:

- A) é pessoal e concorda com o sujeito “nessa transformação”.
- B) é pessoal e concorda com o sujeito “aspectos claramente positivos”.
- C) é impessoal e, se substituído por “existir”, este seria flexionado no plural.
- D) é impessoal e, se substituído por “existir”, este seria flexionado no singular.

10. Considere o período a seguir.

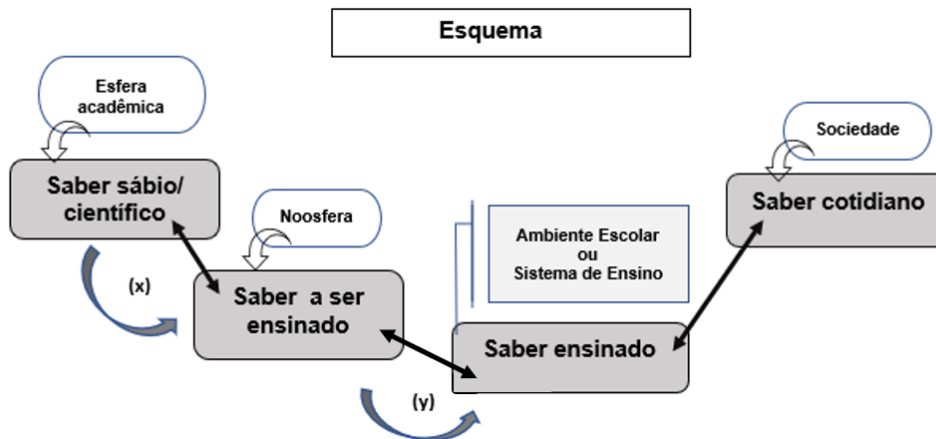
Em contrapartida, esse ganho de produtividade se daria, principalmente, pela substituição do trabalho humano; portanto, não seria necessário, no futuro, um contingente tão grande de pessoas trabalhando.

Sobre a pontuação desse período, é correto afirmar:

- A) o uso do ponto e vírgula justifica-se por esse sinal de pontuação anteceder uma conjunção adversativa colocada no início de uma oração coordenada.
- B) o uso do ponto e vírgula justifica-se por esse sinal de pontuação anteceder uma conjunção conclusiva colocada no início de uma oração coordenada.
- C) a vírgula colocada após “futuro” poderia ser retirada sem prejuízo às relações sintático-semânticas da língua portuguesa.
- D) a vírgula colocada antes de “principalmente” poderia ser retirada sem prejuízo às relações sintático-semânticas da língua portuguesa.

QUESTÕES DE MÚLTIPLA ESCOLHA – DIDÁTICA

11. A complexidade da docência na área da didática na Educação Básica tem gerado significativas discussões voltadas à formação docente. Chevallard (1998), Perrenoud (1997), Hernández (2004), Tardif (2008) são teóricos que se preocuparam em discutir os saberes docentes, ou seja, saberes que os professores trazem para o interior da sala de aula e os auxiliam na realização do seu ofício docente bem como aqueles que ocupam um lugar no currículo (formal ou oculto) dos programas de educação básica nas escolas. Diante dessa constatação, analise o esquema a seguir.



Fonte: Adaptação UNESP (2003)

No esquema, há uma exposição de fluxos de saberes oriundos tanto da esfera acadêmica (saber sábio/científico) como da sociedade (saber cotidiano), os quais convergem para o sistema de ensino. As letras (x) e (y) se referem ao fluxo de um modelo de interpretação teórica das relações que se estabelecem entre a ciência e o ensino (didática). Assim, as letras (x) e (y) demonstram o que se denomina, no campo da didática, de

- A) sequência didática.
 - B) transposição didática.
 - C) metodologia ativa e significativa.
 - D) transdisciplinaridade didática.
12. A prática escolar consiste na concretização das condições que asseguram a realização do trabalho docente. Considerando os condicionantes sociopolíticos da escola, as tendências pedagógicas são analisadas e se apresentam como instrumento de análise para o professor avaliar sua prática de sala de aula. Com base na afirmação, considere o excerto a seguir.

[...] o conhecimento resulta da ação a partir dos interesses e necessidades, os conteúdos de ensino são estabelecidos em função de experiências que o sujeito vivência frente a desafios cognitivos e situações problemáticas. Dá-se, portanto, muito mais valor aos processos mentais e habilidades cognitivas do que a conteúdos organizados racionalmente. Trata-se de "aprender a aprender", ou seja, é mais importante o processo de aquisição do saber do que o saber propriamente dito (LIBÂNEO, 1994).

Com base nas tendências pedagógicas aludidas na história da educação brasileira, o excerto refere-se à

- A) concepção de conteúdos de ensino na visão da Tendência liberal renovada progressivista.
- B) definição dos pressupostos de aprendizagem Tendência liberal renovada não-diretiva.
- C) explicação sobre os métodos de ensino na Tendência progressista libertadora.
- D) delimitação dos passos da aprendizagem na Tendência progressista crítico-social dos conteúdos.

13. No transcurso da história da educação, vários modelos didáticos e teorias de ensino e aprendizagem foram criados para contribuir, de forma mais eficaz, no processo educacional. As afirmativas, a seguir, explicitam, sequencialmente, etapas de uma metodologia de ensino e/ou modelo didático.

- I. Inicialmente, trata-se da escolha do contexto real da vida dos estudantes para a identificação do problema e a preparação e sistematização, pelo professor, dos materiais necessários à investigação.
- II. Em seguida, os estudantes recebem do professor o contexto problemático e, depois, iniciam o processo de elaboração das questões-problema acerca do contexto de que eles têm conhecimento prévio e que aprofundarão. Na sequência, passa-se à discussão dessas questões em grupo (acompanhados pelo professor/pelo professor tutor) para, a partir daí, iniciar o planejamento da investigação para a resolução dos problemas.
- III. No percurso, tem-se o processo de desenvolvimento da investigação por meio dos diversos recursos disponibilizados pelo professor/professor tutor. Nesta etapa, os estudantes, apropriam-se das informações por meio de leitura e análise crítica, pesquisam na internet, em livros, revistas, entre outros materiais, discutem em grupo o material coletado e levantam as hipóteses de solução.
- IV. Por fim, tem-se a elaboração da síntese das discussões e reflexões, sistematização das soluções encontradas para os problemas, preparação e apresentação para a turma e para o professor/professor tutor, além de promoverem a autoavaliação do processo de aprendizagem que realizaram.

Souza & Dourado (2015)

A descrição das etapas se refere à metodologia de ensino e/ou ao modelo didático denominado de

- A) Metodologia Ativa.
 - B) Aprendizagem Baseada em Projetos.
 - C) Aprendizagem Baseada em Problemas.
 - D) Metodologia de Centros de Interesses.
14. A avaliação necessita estar atrelada à prática metodológica do professor. Avaliação e metodologia são indissociáveis e necessitam estar coerentes. Segundo Bloom (apud SANT'ANNA, 1995), o professor pode realizar avaliação de distintas formas e/ou modalidades. Dito isso, analise as afirmativas a seguir.

- I. Situa o professor e o aluno no início de um processo de ensino e aprendizagem, e seus resultados possibilitam definir o caminho e os pré-requisitos que ainda precisam ser construídos.
- II. Situa o professor e o aluno durante um processo de ensino e aprendizagem, além de informar os resultados parciais da aprendizagem ainda no decorrer do desenvolvimento das atividades.
- III. Situa o professor e o aluno no final de um processo de ensino e aprendizagem, toma como base os objetivos propostos bem como expõe os resultados alcançados pelo aluno ou as competências necessárias à determinada aprendizagem.

As afirmativas referem-se, respectivamente, à avaliação

- A) formativa, diagnóstica e somativa.
- B) diagnóstica, formativa e somativa.
- C) diagnóstica, somativa e formativa.
- D) somativa, formativa e diagnóstica.

15. Considerando as concepções e experiências pedagógicas que fazem uso de tecnologias na educação e tomando como base a tendência pedagógica progressista, a aplicação do uso de tecnologias de informação na educação deve basear-se
- A) na cultura digital institucional.
 - B) no industrialismo didático tecnológico.
 - C) no contexto em que ocorre a aprendizagem.
 - D) na competência técnica do professor e do aluno.

QUESTÕES DE MÚLTIPLA ESCOLHA – CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

16. O escritor argentino Julio Cortázar (1914-1984) escreveu em O Jornal e suas metamorfoses:

Um senhor pega um bonde depois de comprar o jornal e pô-lo debaixo do braço. Meia hora depois, desce com o mesmo jornal debaixo do mesmo braço.

Mas já não é o mesmo jornal, agora é um monte de folhas impressas que o senhor abandona num banco de praça.

Mal fica sozinho na praça, o monte de folhas impressas se transforma outra vez em jornal, até que um rapaz o descobre, o lê, e o deixa transformado num monte de folhas impressas.

Mal fica sozinho no banco, o monte de folhas impressas se transforma outra vez em jornal, até que uma velha o encontra, o lê e o deixa transformado num monte de folhas impressas. Depois, leva-o para casa e no caminho aproveita-o para embrulhar um molho de acelga, que é para o que servem os jornais depois dessas excitantes metamorfoses.

CORTÁZAR, Julio. **Histórias de Cronópios e de Famas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 63.

Um professor leu com os seus alunos esse texto de Cortázar, o que fez com que toda a turma concluísse que, na escola básica, os documentos históricos

- A) necessitam ser preservados na sua finalidade original de produção, privilegiando a informação que se apresenta no texto escrito.
- B) precisam ser compreendidos como materiais produzidos pelas elites, o que exige um trabalho de questionamento sobre os seus usos.
- C) podem ser usados como obras culturais e sociais, o que implica na investigação das suas diferentes formas de uso por sujeitos dos mais diversos.
- D) devem ser transformados em fonte de pesquisa, uma vez que os jovens e adolescentes são formados para trabalhar com os mesmos métodos de um historiador.

17. O historiador italiano Alessandro Portelli, ao desenvolver uma pesquisa fundamentada na história oral, realizou uma entrevista com Alfredo Filipponi, antigo operário e secretário da resistência comunista contra o fascismo entre 1943 e 1944. A entrevista ocorreu em 1973, quando Filipponi já se encontrava muito doente e faleceu pouco tempo depois. No decorrer da entrevista ocorreu o seguinte diálogo:

Portelli: Durante a resistência, você pensava apenas na liberdade nacional ou desejava alguma coisa mais?

Filipponi: Pensávamos na libertação nacional do fascismo e, após isso tínhamos esperança de alcançar o socialismo, o qual ainda não havíamos atingido. Depois que a guerra terminou - Terni foi onze meses mais cedo do que o resto do país -, o camarada Palmiro Togliatti [secretário do Partido Comunista italiano no pós-guerra] convocou uma reunião com os líderes do Partido em todas as províncias da Itália. Togliatti fez um discurso e adiantou que haveria eleições e pediu o meu apoio para ganharmos a eleição. Houve aceitação ao discurso feito, mas eu levantei minha mão: "Camarada Togliatti, eu discordo", porque, como Lenine disse: quando o tordo voa, é o momento de atirar nele. Hoje o tordo está voando: todos os chefes fascistas estão se escondendo ou fugindo, tanto em Terni como em qualquer outro lugar. Este é o momento: nós atacamos e construímos o socialismo. Togliatti colocou a sua moção e a minha em votação e a dele obteve quatro votos a mais do que a minha, e assim foi vencedora.

Adaptado de: PORTELLI, Alessandro. *Sonhos Ucrônicos, Memória e Possíveis Mundos dos Trabalhadores*. **Projeto História**, n. 10, São Paulo: Educ, 1993. p. 42-43.

Segundo Portelli, a confrontação entre Filipponi e Togliatti nunca aconteceu. Com base nos estudos atuais sobre a oralidade como fonte de pesquisa, essa constatação indica que a História Oral

- A) favorece a produção de mentiras históricas, estimulando a ideia de que, para narrar o passado histórico, qualquer um conta um fato da maneira que for lhe for conveniente.
- B) oferece a possibilidade de versões imaginárias sobre um evento, apontando que os fatos poderiam ter sido diferentes se outros caminhos tivessem sido escolhidos.
- C) precisa ser confrontada com outras fontes para a obtenção do conhecimento histórico, tendo em vista que a oralidade é sempre constituída por uma visão interessada do sujeito.
- D) tem sido questionada pela historiografia contemporânea se é um instrumento confiável para a reconstrução do fato, uma vez que o depoimento individual apresenta muitas subjetividades.

18. Um professor da escola básica propõe à turma estudar os usos da terra em diferentes tempos e espaços, optando por iniciar a discussão pela antiguidade clássica, a partir da leitura do texto a seguir.

A lei agrária nunca foi revogada, mas foi sendo modificada em etapas sucessivas. Apiano descreve brevemente três leis que lhe alteraram o alcance, demolindo a reforma agrária dos Graco.

Os lotes distribuídos eram inalienáveis; esta precaução destinava-se a proteger a pequena propriedade. O primeiro passo contra a reforma foi abolir esse vínculo; os ricos puderam então expulsar os camponeses comprando seus pequenos lotes. Uma segunda lei proibiu novas distribuições de terras; a maior parte do *ager publicus* consistia de terras ocupadas e estas eram deixadas aos que detinham sua posse desde a lei de Tibério; mas os ocupantes ficavam obrigados a pagar um imposto cujo rendimento seria destinado às distribuições de trigo à plebe. Finalmente, o último passo: este imposto foi suprimido, declarando-se propriedade privada as terras já distribuídas e as ocupadas.

Apenas as terras que não estavam ocupadas continuavam sendo consideradas *ager publicus*; este foi liberado para o uso como pastagem; com o tempo, provavelmente terminou sendo ilegalmente cercado e apropriado pelos ricos.

CORASSIM, Maria Luiza. A reação senatorial. In: **A reforma agrária na Roma Antiga**. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 73-74.

Considerando o texto e a finalidade da Lei Agrária, na antiguidade clássica, o professor explica aos alunos que os irmãos Graco

- A) propunham que as terras fossem igualmente distribuídas entre patrícios e plebeus, o que uniria a sociedade romana e garantiria os recursos necessários para as conquistas militares.
- B) regulamentaram o acesso às terras, transferindo a administração desse patrimônio do Estado para os pequenos proprietários empobrecidos.
- C) defendiam a incorporação pelo Estado das terras oriundas de conquistas territoriais e a distribuição delas para a plebe, restaurando, assim, a república tradicional composta por cidadãos soldados e por pequenos proprietários.
- D) tinham o objetivo de tributar as terras públicas, habitadas e cultivadas, utilizando a arrecadação dos impostos para a fundação de novas colônias romanas que seriam destinadas aos soldados plebeus e aos agricultores sem terra.

19. Ao discutir a sociedade brasileira durante o século XIX, a historiadora Lilia Schwarcz analisa:

A valorização do pitoresco da paisagem e das gentes, do típico em vez de genérico, encontrava no indígena o símbolo privilegiado. [...] Por oposição ao negro, que lembrava a escravidão, o indígena permitia identificar uma origem mítica e unificadora. [...]

A natureza brasileira também cumpriu função paralela. Se não tínhamos castelos medievais, templos da Antiguidade ou batalhas heroicas para lembrar, possuíamos o maior dos rios, a mais bela vegetação. [...] Por mais que tenha partido de d. Pedro I e de Bonifácio a tentativa de elaborar – junto com Debret e outros participantes da Missão Francesa – uma ritualística local, foi com d. Pedro II e seu longo reinado que se tornaram visíveis a originalidade do protocolo e o projeto romântico de representação política do Estado.

SCHWARCZ, Lilia. **As Barbas do Imperador**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.140.

Considerando esse fragmento, percebe-se que a identidade nacional brasileira, no século XIX, foi construída

- A) por meio da valorização das heranças culturais dos indígenas e dos negros.
- B) por intermédio de elementos da natureza e de tipos humanos representantes de uma cultura.
- C) por meio de referências europeias existentes nas províncias desde a colonização.
- D) por intermédio de elementos simbólicos, consensuais e harmônicos que incluíssem todas as raças.

20. Para trabalhar as relações do homem com a natureza, uma professora da escola básica optou por discutir o tema da paisagem do sertão nordestino a partir do fragmento do poema Secas de Março (versos sem os tons jobinianos) a seguir.

É pau é pedra é o fim do caminho
É um metro é uma légua é um pobre burrinho
É um caco de vida é a vida é o sol
É a dor é a morte vindo com o arrebol
É galho de jurema é um pé de poeira
Cai já, bambeia é do boi a caveira
É pé de macambira invadindo a cachoeira
É vaqueiro morrendo é a reza brejeira
É angico é facheiro é aquela canseira
É farelo é um cisco é um resto de feira
É a fome na porta é um queira ou não queira
Na seca de março é a fuga estradaeira
É o pé é o chão é a terra assadeira
É menino na mão e mais dez na traseira
É um Deus lá no céu Padre Cíço no chão
Éromeiro rezando dentro dum caminhão
É o filho disposto partindo sozinho
[.]

QUIRINO, Jessier. **Prosa Morena**. Recife: Bagaço, 2001, p. 89-90.

Após a leitura dos versos, a professora explicou aos alunos que a relação entre paisagem e história se faz presente, uma vez que, no texto,

- A) constrói-se, discursivamente, uma imagem do que seja o sertão, apresentando-o como um espaço homogêneo e, historicamente, associado ao Nordeste.
- B) são evidenciados os elementos característicos do mundo natural presente no interior do Nordeste, criando as bases históricas para fixação dos elementos genuínos da região.
- C) idealiza-se uma imagem sobre o sertão nordestino a partir de conflitantes representações sobre esse espaço, expressando abordagens políticas historicamente divergentes.
- D) são denunciadas as condições de vida presentes no sertão nordestino, desconstruindo a imagem de que a região é dominada por práticas coronelísticas.
21. Analisando o processo de colonização da América, Laura de Melo e Souza afirmou:

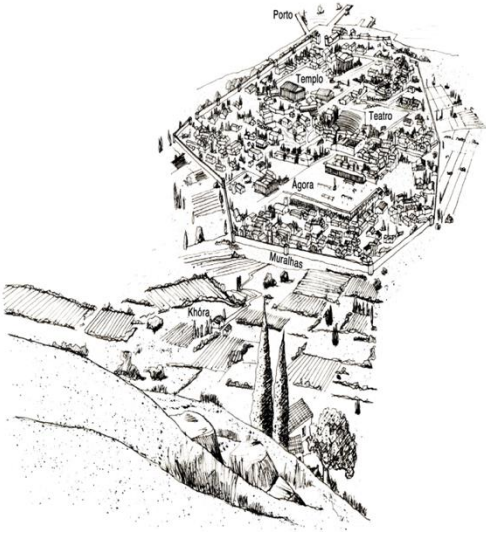
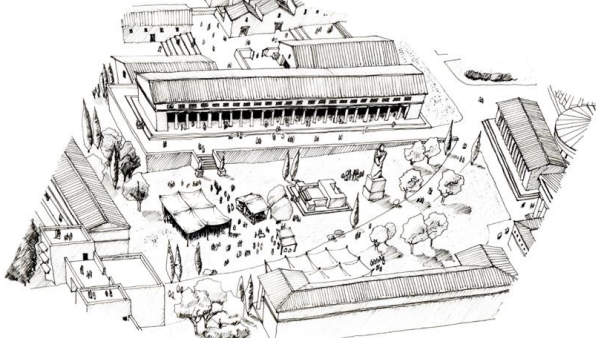
Se para o Novo Mundo deslocaram-se projeções do imaginário europeu, se expansão da fé e colonização caminharam juntas, nada mais natural que o descobridor da América fosse também o seu primeiro “edenizador”. [...] Colombo inaugurou assim o movimento duplo que iria perdurar por séculos em terras americanas: a edenização da natureza, a desconsideração dos homens-bárbaros, animais, demônios. Esta veemência – associar os homens da colônia a animais ou a diabos – se agudizaria posteriormente [...].

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a Terra de Santa Cruz**: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. p. 36

Um professor de História do 7º ano usou o fragmento da textual da professora Laura de Melo e Souza para mostrar aos seus alunos que

- A) uma visão mística da colonização mascarou a exploração dos recursos naturais existentes nas terras conquistadas.
- B) as ações dos mercadores portugueses privilegiaram a exploração econômica das colônias, ainda que, secundariamente, tenha sido realizado um esforço para a salvação dos povos nativos.
- C) o imaginário dos povos originários foi invadido pelas ideias do cristianismo, fazendo com que essas populações passassem a acreditar que seres monstruosos habitavam o Novo Mundo.
- D) os europeus vieram para a América com o intuito de, ao mesmo tempo e sem hierarquização, explorar as riquezas existentes e salvar as almas dos selvagens, até então entregues ao demônio.

22. O professor objetiva analisar, historicamente, a experiência humana nas cidades. Para tanto, recorre ao uso de desenhos da polis grega antiga e seus significados, apresentados a seguir.

Desenho 1 - Representação de cidade grega	Texto 1
	<p>Os gregos antigos viviam, em sua grande maioria, em assentamentos compostos de dois espaços especializados: uma área mais densamente ocupada (<i>ásty</i>), onde estavam espaços de reunião, como a <i>ágora</i>, e outra de ocupação mais esparsa (<i>khóra</i>), onde os campos eram cultivados, a pecuária, a caça, a extração de madeira eram desenvolvidos.</p>
Desenho 2 – recorte e ampliação	Texto 2
	<p>[...] a <i>ágora</i> grega desempenhava o papel de uma praça na <i>pólis</i>. Era, portanto, um componente fundamental da estrutura urbana. A <i>ágora</i> na Grécia antiga era um espaço criado como recurso constante para os cidadãos.</p>
<p>FLORENZANO, Maria Beatriz Borba. A cidade grega antiga em imagens: um glossário ilustrado. São Paulo: FAPESP, 2015. p. 8;14</p>	

Com base nas imagens e informações cedidas, o professor deve especificar que

- A) cidade e campo eram separados pelas muralhas, independentes entre si, mas correlacionados nas experiências das trocas dos excedentes agrícolas produzidos para as práticas de comércio na *ágora*.
- B) a cidade-estado aglutinava campo e cidade pela unidade cultural e religiosa grega, tendo a *ágora* como espaço do dinamismo social destinado à difusão dos mitos e feitos heroicos dos deuses antigos.
- C) a *pólis* grega era um complexo social e identitário definido em particular por cada cidade, a *ágora* era o lugar da realização das assembleias dos cidadãos, onde oradores públicos eram vistos e ouvidos.
- D) cidade e campo eram indissociáveis, integravam ou sobrepunham-se, sendo a *ágora* o espaço da interação humana cotidiana, das discussões políticas, das conversas, das trocas de bens e mercadorias.

23. Para analisar a situação política do Chile na década de 1970, um professor da escola básica utilizou dois documentos produzidos por sujeitos participantes daquela cena histórica. Sendo assim, analise, a seguir, os textos usados pelo professor.

Documento 1	Documento 2
Discurso proferido por Salvador Allende	Texto escrito por Augusto Pinochet Ugarte
<i>Adeus, Chile</i>	Carta aos Chilenos
[...] Neste momento definitivo, o último em que eu poderei dirigir-me a vocês, quero que aproveitem a lição: o capital estrangeiro, o imperialismo, unidos à reação criaram o clima para que as Forças Armadas rompessem sua tradição. [...] Dirijo-me a vocês, [...] porque em nosso país o fascismo está há tempos presente: nos atentados terroristas, explodindo as pontes, cortando as vias férreas, destruindo os oleodutos e os gasodutos, frente ao silêncio daqueles que tinham a obrigação de agir. [...] A história os julgará [...].	[...] Sobre esse feito, só vale uma reflexão. As Forças Armadas e as autoridades policiais não destruíram uma democracia exemplar, nem interromperam um processo de desenvolvimento e bem-estar, nem o Chile era naquela época um modelo de liberdade e justiça. Tudo estava destruído e nós, homens de armas, atuávamos como reserva moral de um país que se desintegrava, nas mãos daqueles que queriam submetê-lo à órbita soviética. [...]
Disponível em: http://www.rhbn.com.br/secao/artigos/pinochet-escreve-aos-chilenos . Acesso: 10 dez 2013.	Disponível em: http://www.rhbn.com.br/secao/artigos/viva-o-chile . Acesso: 10 dez 2013.

Após a da leitura dos dois documentos, o professor deve explicar, aos alunos, que

- A) Allende conseguiu ser eleito presidente da República no Chile, na década de 1970, mas as forças armadas comandadas por Pinochet o destituíram do cargo seis meses depois da posse.
 - B) o socialista Salvador Allende usou a luta armada para chegar à presidência da República e derrotar os fascistas que controlavam as Forças Armadas, então comandadas por Pinochet.
 - C) Allende procurou afirmar-se como legítimo representante dos interesses populares, enquanto Pinochet se apresentou como representante das forças armadas que livrou o Chile do comunismo.
 - D) as contínuas intervenções militares, apoiadas por Pinochet e denunciadas por Allende, atingiram o Chile e diversos outros países da América Latina, da Segunda Guerra até meados da década de 1970.
24. Analisando as relações entre o Estado e os trabalhadores durante o período em que Vargas esteve no poder, Ângela de Castro Gomes afirmou que

o sucesso do projeto político estatal – do trabalhismo – pode ser explicado pelo fato de ter tomado do discurso articulado pelas lideranças da classe trabalhadora, durante a Primeira República, elementos-chave de sua autoimagem e de os ter investido de novo significado em outro contexto discursivo.

GOMES, Ângela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1987. p. 24)

Fundamentado no raciocínio contido nesse fragmento textual e nas informações sobre o período Vargas, deve-se concluir que a classe operária aderiu ao trabalhismo varguista

- A) em razão de o Estado ter construído um discurso de harmonia para todas as classes, impedindo a resistência dos líderes operários à legislação imposta.
- B) em virtude desse projeto ter se estruturado a partir de uma lógica material e de uma lógica simbólica advinda da experiência dos próprios trabalhadores.
- C) por ter sido manipulada por meio de símbolos elaborados pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e massificados pelos meios de comunicação.
- D) por perceber que a legislação trabalhista criada pelo Estado Novo rompia com os vínculos materiais existentes entre operários e capitalistas vigentes durante toda a Primeira República.

25. Uma professora da escola básica pretende discutir com seus alunos o papel da mulher no período medieval. Para trabalhar a temática, a professora apresentou para a turma um poema redigido no século XII por Bernard de Morlas, um monge de Cluny (ordem religiosa surgida na cidade francesa de Cluny e vinculada a Ordem de São Bento). Avalie a seguir o poema utilizado pela professora.

A mulher ignóbil, a mulher pérfida, a mulher vil
Macula o que é puro, ruma coisas ímpias, estraga as ações.
A mulher é fera, seus pecados são como a areia.
Não vou entretanto caluniar as boas a quem devo abençoar.
Toda mulher se regozija de pensar no pecado e de vivê-lo.
Nenhuma, por certo, é boa, se acontece no entanto que alguma seja boa.
A mulher boa é coisa má, e quase não há nenhuma boa.
A mulher é coisa má, coisa malmente carnal, carne toda inteira.
Dedicada a perder, e nascida para enganar, perita em enganar.
Abismo inaudito, a pior das víboras, bela podridão.

MORLAS, Bernad de. *Apud* DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente 1300-1800**: uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.485-486.

Após ler o documento com a turma, a professora deve demonstrar que, na Idade Média, em geral,

- A) a mulher era vista como a encarnação da Eva, a pecadora, que carregava o pecado original em razão da fraqueza da mulher.
- B) as mulheres reagiram à implementação do cristianismo e, por isso, a Igreja as associou ao demônio e as combateu nos cultos religiosos.
- C) as mulheres se sentiam agentes do satanás e, nessa condição, se consideravam associadas à depravação sexual e à bruxaria.
- D) a mulher diabolizada era parte da representação contraditória sobre o sexo feminino, que oscilava entre a atração e a repulsa, a admiração e a hostilidade.
26. O movimento pelas “Diretas Já” (1983-184) fez emergir experiências novas na vida cotidiana da sociedade brasileira. Segundo Edison Bertoncelo,

As oposições simbólicas construídas ou reinterpretadas nos processos de ritualização (de um lado, verde e amarelo = massas = democracia = sociedade melhor; de outro, preto = elites políticas = autoritarismo = sociedade injusta) impactaram fortemente sobre os padrões dominantes de classificação que informavam as estruturas políticas e relações sociais. Questionou-se o discurso incrustado na sociedade brasileira que associava as “massas” à desordem e à falta de autoridade e que fazia da tutela política sobre a sociedade um princípio básico dos regimes políticos (categorias essas que foram centrais às reivindicações de legitimidade do golpe militar de 1964). Por outro lado, erigiu-se a praça pública como lugar fundamental da luta política e da constituição autônoma de atores coletivos.

BERTONCELO, E. R. E. "Eu quero votar para presidente": uma análise sobre a Campanha das Diretas. **Lua Nova**: Revista de Cultura e Política, n. 76, 2009, p. 191.

À luz da interpretação contida nesse fragmento textual e nas informações sobre o tema, o movimento pelas “Diretas já”

- A) foi manipulado por grupos diversos políticos que, naquela conjuntura, usaram a praça pública como um palco para defesa de propostas autoritárias.
- B) exigiu um regime político democrático, a redefinição dos contornos do espaço público e a construção de um Estado cuja legitimidade se assentasse no apoio popular.
- C) trouxe o restabelecimento imediato das eleições diretas para Presidente e dificultou as condições para que os interesses privados prevalecessem no espaço público.
- D) redefiniu a vida institucional do país, criando uma cultura incorporada, por mais de noventa por cento da população nacional, de que a praça pública é o espaço das lutas contrárias aos regimes autoritários.

27. O professor pretende discutir com a turma os significados do documento símbolo da autonomia estadunidense, a Declaração de Independência de 1776. Para tanto, disponibiliza o seguinte fragmento textual:

Na última carta pública que escreveu antes de sua morte em 1826, Thomas Jefferson apresentou uma visão ampla da Declaração de Independência, documento que ele havia redigido meio século antes. Ao recusar o convite para comparecer à comemoração do quinquagésimo aniversário da independência americana em Washington, o terceiro presidente do Estados Unidos chamou a Declaração de “um instrumento prenhe do nosso próprio destino e do destino do mundo”. Lamentou que a doença o impedisse de se reunir “ao restante daquele grupo ilustre que se juntou a nós naquele dia, na ousada e incerta eleição que estávamos prestes a realizar por nosso país, entre a submissão e a espada”. Ele teria então:

[...] desfrutado com eles o reconfortante fato de que nossos compatriotas, depois de meio século de experiência e prosperidade, continuam a aprovar a escolha que fizemos. Que isso seja, para o mundo – o que acredito que será (para algumas partes em breve, para outras, mais tarde, e finalmente para todas) –, o sinal para que homens inspiradores rompam os grilhões sob os quais a ignorância e a superstição monacais os têm persuadido a se restringir, e assumam as bênçãos e a segurança do autogoverno.

Thomas Jefferson *apud* ARMITAGE, David. **Declaração de Independência**: uma história global. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p.7-8.

Considerando o papel do referido documento na história global, o docente deve evidenciar que

- A) a declaração solucionava no seu teor as reivindicações de independências ao redor do mundo ao associar o conceito de territorialidade à concepção de soberania nacional, estabelecendo que o Estado, efetivamente independente, deveria possuir território legítimo e, geograficamente, delimitado.
 - B) o gênero de direitos de Estado e de indivíduos da declaração foi reapropriado internacionalmente por diversos documentos de independência, justamente pela sua flexibilidade de incluir definições civilizatórias, concepções de autodeterminação e o florescente discurso dos direitos humanos.
 - C) a declaração foi um feito de Thomas Jefferson por empregar suas habilidades jurídicas e retóricas para forjar um instrumento cujo intuito era declarar a independência, sem nenhum modelo prévio para guiá-lo, tornando-a, por essa razão, na referência mundial para outras independências.
 - D) o texto privilegia os direitos de Estado em detrimento aos direitos de indivíduos, pois cabia mais nas exigências de reconhecimento de comunidades na esfera internacional que nas reivindicações de cidadãos ou súditos contras seus governantes, por isso a assimilação noutros textos de independência.
28. Ao analisar o Estado brasileiro nas décadas iniciais da República, a professora Cláudia Viscardi, afirmou:

- 1) Muito embora os setores relacionados direta ou indiretamente a exportação do café fossem politicamente hegemônicos, oligarquias ditas de segunda ou terceira grandeza (elites fluminenses, gaúchas, baianas, etc.) tiveram importância significativa nos processos de decisão política em curso;
- 2) Muito embora a aliança entre Minas e São Paulo tenha sido hegemônica, ela não impediu a construção de eixos alternativos de poder por parte de outros setores a ela não vinculados;
- 3) Apesar do Estado Nacional ter a sua sustentação vinculada ao contínuo fluxo de capital estrangeiro para o país - cujo principal meio era a exportação do café - a política econômica implantada visava também garantir a estabilidade das finanças públicas e o atendimento a compromissos financeiros junto aos credores internacionais, o que muitas vezes fez com que os interesses corporativos dos cafeicultores fossem contrariados.

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. O federalismo oligárquico brasileiro: uma revisão da "política do café-com-leite". In: **Anuario IEHS**: Instituto de Estudios histórico Sociales. n. 16, 2001, p. 74

Considerando as reflexões de Viscardi, pode-se observar que, nas primeiras três décadas do século XX,

- A) as alianças políticas eram forjadas em cada momento eleitoral, o que evidencia a instabilidade do pacto político entre as oligarquias mineiras e paulistas.
- B) a política “Café com Leite” consolidou-se, tendo em vista que mineiros (produtores de leite) e paulistas (produtores de café) alternaram-se no poder sem interrupções.
- C) os cafeicultores foram os grandes beneficiados das ações governamentais, uma vez que o orçamento da União privilegiava a manutenção de preços elevados para o café.
- D) alguns estados de segunda e de terceira grandeza rebelaram-se contra as oligarquias hegemônicas, romperam com a União e criaram governos paralelos ao Governo Central.

29. A professora almeja compreender a África a partir do imaginário europeu ocidental, representada nos relatos de viajantes portugueses na época Moderna, contidos nos documentos a seguir.

Documento 1	Documento 2	Documento 3
Duarte Pacheco Pereira, Esmeraldo de Situ Orbis (1505-1508)	Antônio Fernandes, relato ao Rei D. Manuel I, (1515-1516)	Jerônimo Lobo, Breve relação do rio Nilo (1673).
Navegador e Cosmógrafo	Degredado	Padre

Os homens com a cabeça e rabo de cães

E 200 léguas além deste rio Mandinga está uma comarca de terra onde há muito ouro, a qual chamam *Toom*; e os moradores desta província têm rosto e dentes como cães, e rabos como de cão, e são negros e de esquiva conversação, que não querem ver outros homens[...]

Homens com rabo

Nesta terra [de Mombara] há muito [...] cobre e dela trazem o cobre a vender ao Monomopata em pães como os nossos e assim por toda a outra terra. Estes homens são mal proporcionados, não são muito negros e têm rabos como de carneiro.

O unicórnio

A terra do nascimento do unicórnio, animal africano por se conhecer só em África, é a província dos agaos, no reino dos Damotes [...]. É este animal do tamanho e feição de um formoso cavalo [...], na testa um formoso corno, comprido de até 5 palmos [...] a cor tira para branco [...] só a mais bárbara e sáfara gente que o mundo tem os logra [...].

COSTA e SILVA, Alberto da. **Imagens da África**: da Antiguidade ao século XIX. 1. ed. São Paulo: Penguin, 2012. p.84;107;215.

Com base nos relatos, a professora deverá expor que a leitura europeia sobre a África foi

- A) construída, na modernidade, pela produção literária oriunda das expedições comerciais, as quais, sob a demanda oficial de coroas europeias, viabilizavam conhecer e dominar o continente africano.
- B) constituída por um conjunto de imagens fantásticas e misteriosas, reapropriadas nos relatos de viajantes europeus, que percebiam o continente como uma alteridade estereotipada.
- C) repleta de interpretações dúbias que culminaram em estereótipos, pois os relatos a respeito dos povos e suas vestimentas bem como dos territórios e seus animais silvestres eram feitos por metáforas.
- D) renovada após a febre dos relatos de viagens dos séculos XVI e XVII, devido à ascensão da percepção racional iluminista, que questionou os mitos e contos fantásticos em torno da África.

30. Considere, a seguir, o excerto de uma canção do cantor e compositor Pedro Mendes.

Essa é uma terra de um deus mar
De um deus mar que vive para o sol
E esse sol está muito perto daqui
Venha e veja tanto quanto pode se curtir

Linda terra para a mãe gentil
Belo cai o sol sobre esse rio
E esse rio também está perto daqui
Venha e veja tanto quanto é o nosso Potengi
[...]

Mendes, Pedro. **Linda baby**. disponível em: <https://www.lettras.mus.br/pedro-mendes/968978/>. acesso em 1 de novembro de 2023.

Associando-se esses versos com a construção das identidades das cidades norte-rio-grandenses identifica-se que

- A) a terra potiguar é maravilhosa pela paisagem nela existente, assim a capital é uma representação legítima do que existe no estado.
- B) o sentimento de amor ao local possui uma história e foi produzido por estratégias que mobilizaram discursos, imagens e rituais coletivos.
- C) a paisagem natural de cada lugar define, historicamente, a sua identidade, que é sentida instintivamente pelos seus habitantes.
- D) o sol refletido na paisagem desperta nos homens e nas mulheres o amor à terra, construindo um sentimento de pertencimento em relação ao lugar.